

A poesia de autoria feminina em Goiás: caminhos da tradição em Yêda Schmaltz

PAULO ANTÔNIO VIEIRA JÚNIOR*

Resumo:

O presente estudo desenvolve leitura da obra Caminhos de mim (1964), da escritora goiana Yêda Schmaltz, terceira mulher a publicar um livro de poesia em Goiás. O livro da autora constitui um marco histórico e cultural para sua região, pois renovou a tradição da literatura de autoria feminina ao elaborar uma obra que apresenta consciência artística e inconformismo em relação ao conservadorismo formal e temático da tradição precedente.

Palavras-chave: Yêda Schmaltz, literatura goiana, consciência, inconformismo.

Abstract:

This study makes a reading of the book Caminhos de mim (1964), from the writer Yêda Schmaltz, third woman to publish a book of poetry in Goiás, Brazil. The book's author is a cultural and historical landmark for its region, it renewed the literary tradition female authors to elaborate a work that presents artistic consciousness and nonconformity in relation to formal and thematic conservatism of the previous tradition.

Key words: Yêda Schmaltz, literature from Goiás, consciousness, nonconformity.



* **PAULO ANTÔNIO VIEIRA JÚNIOR** é Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente é professor Adjunto I, de Teoria Literária e Literatura Brasileira, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), estando lotado no Instituto de Estudos do Xingu (IEX). E-mail: pauloantvie@hotmail.com.

Goiás é, em termos artístico-culturais, um estado quase sempre visto de longe pelo brasileiro dos grandes centros urbanos. Uma região relativamente ignorada, algo que não difere da maioria dos estados brasileiros. Essa é uma percepção incômoda registrada por Gilberto Mendonça Teles (2009, p. 173) em seus textos veiculados em livro ou na imprensa livre, desde os anos 1960. O incômodo do autor foi, não raro, acompanhado de insistente dinamização, sistematização e divulgação do acervo cultural de seu estado.¹

Citamos de saída G. M. Teles por ser um nome nacionalmente conhecido na crítica literária. Mas outros dinamizadores do acervo goiano, sobretudo na segunda metade do século XX, trabalharam pela superação do isolamento cultural do estado. Entretanto, a circulação do patrimônio cultural, intelectual e literário de Goiás permaneceu restrito.

São raros os leitores do país que conseguiriam elencar autores goianos que se afirmaram no panorama da literatura brasileira, inobstante essa lista não ser tímida. Além do já citado Gilberto Mendonça Teles, encontra-se Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Élis, Cora Coralina, José J. Veiga, Afonso Félix de Sousa, Miguel Jorge e Heleno Godoy.

Nossos trabalhos têm se dedicado a incluir nessa lista o nome de Yêda Schmaltz, autora goiana cuja publicação em verso se situa na literatura de autoria feminina brasileira como uma voz singular.

Teles (1995) explica que a superação do atraso das práticas literárias em Goiás foi impulsionada por cinco movimentos, a Revolução de 1930, a transferência da capital para Goiânia, a construção de Brasília e a fixação das universidades:

Somente depois dessa época é que se pode, verdadeiramente, assinalar-se uma literatura goiana, mesmo assim incaracterizada, incipiente na sua expressão, mas procurando constantemente definir-se, caminhando para o aproveitamento de uma temática social e historicamente goiana e, ao mesmo tempo, refletindo os aspectos mais positivos de uma sincronização nacional. (TELES, 1995, p. 26)

Na segunda metade do século XX, Goiás assiste a uma intensificação da produção literária. Movimentos como o GEN², o surgimento de editoras locais e a inserção dos escritores no meio universitário, promoveram a produção e divulgação em livro dessa escrita. Entretanto, tais renovações não conseguiram estabelecer um efetivo sistema literário na região, pois as publicações quase sempre sofrem

¹ O presente estudo encontra-se vinculado ao projeto de doutorado *Uma escrita sustentada pela paixão: A poesia erótica de Yêda Schmaltz*, desenvolvido na UFG, sob orientação da Profa. Dra. Solange Fiuza Yokozawa. A pesquisa contou com o financiamento do Programa Reuni/Capes. O texto constitui parte adaptada de um tópico da tese, com acréscimo de reflexões surgidas após a defesa e depósito do trabalho final. Boa parte dessas novas reflexões surgiram da interlocução com Gilberto Mendonça Teles, durante o simpósio que homenageou o autor (Memorial Patrimonial e Literário do Cerrado Goiano), promovido pela UEG de Pires do Rio, em novembro de 2014. Aproveito o ensejo para agradecer G. M. Teles pelas contribuições que trouxe para minhas leituras da obra de Yêda Schmaltz.

² O GEN, Grupo de Escritores Novos, foi um movimento que propunha a renovação das letras goianas, a partir da formação intelectual dos escritores. Os encontros do movimento ocorreram no início dos anos 1960, e contou com a participação ativa de Yêda Schmaltz, Maria Helena Chein, Heleno Godoy e Miguel Jorge, dentre outros. Os escritores e as escritoras se reuniam periodicamente para ler teorias, debater pressupostos estéticos norteadores da escrita artística e trocar experiências sobre a composição de seus livros. Pode-se perceber que o GEN redimensionou o modo desses autores e dessas autoras produzir literatura, pois a partir de então concebiam a obra como fruto de intenso trabalho artesanal, como um organismo projetado, dialogando com uma vasta tradição.

incentivo estatal, através de bolsas de publicação ou via editora de universidades públicas. Isto é, o autor goiano comumente chega aos leitores pelo financiamento da administração municipal, estatal ou federal, o que nas palavras do professor Antón Corbacho Quintela³ instituiu um “proto-sistema” literário em Goiás, pois os autores e as autoras não contam com o retorno financeiro de sua escrita literária.

Nesse âmbito, a publicação de obras de autoras goianas ocorreu tardiamente, mesmo tendo sido as mulheres do estado, no início do século XX, as primeiras promotoras de movimentos de incentivo à escrita e circulação de textos literários. O movimento em torno de A Rosa, jornal literário coordenado e redigido por moças da antiga capital goiana, contava com a participação de Rosa Godinho, Leodegária de Jesus e Ana Lins Guimarães (Cora Coralina), e configurou uma primeira atitude de emancipação da mulher nas letras goianas. Das movimentações em torno do jornal surgiu, em 1906, a primeira publicação de um livro de poesia de autoria feminina, trata-se de Coroa de lírios, de Leodegária de Jesus (1889-1978).

Darcy França Denófrio (2001) considera que Leodegária de Jesus deu início a uma tradição, dentro do universo literário feminino em Goiás. O estabelecimento dessa tradição, porém, ocorreu por caminhos tortuosos, visto que Leodegária publicou no início do século e só quase cinquenta anos depois outra mulher repetiria o feito. Regina Lacerda (1919-1998) foi a segunda mulher a publicar um livro de versos em Goiás, Pitanga, em

1954. Leodegária de Jesus produziu poemas filiados ao modelo parnasiano, ideal clássico ao qual sempre foi fiel. A escrita de Regina Lacerda se caracterizou pelo registro do folclore e do dialeto local. Tais autoras se inscreveram na tradição da literatura goiana como marco histórico-cultural, refletindo um fenômeno que quase sempre caracterizava as escritoras do restante do país, a qualidade vacilante de suas obras literárias.

O que se pode perceber é que, no Brasil, só a partir de 1960 surge uma literatura sistematicamente produzida por mulheres, trazendo consciência crítica e artística. Nelly Novaes Coelho (1993) notou que o período demarca a passagem de uma lírica sentimental para ética existencial. As vozes femininas surgidas nos anos 1960 e 1970 seriam responsáveis pelo amadurecimento da consciência crítica da mulher, em termos artísticos, e gestaram a emancipação contemporânea. A estudiosa ressalta, ainda, que a obra das escritoras dos anos 60, 70 e 80 refletiu:

o amadurecimento crescente de sua *consciência crítica*. Consciência que à força de tentar se posicionar, não só em relação à falência do modelo-de-comportamento feminino herdado da sociedade tradicional (a sociedade cristã/ burguesa/ liberal/ patriarcal/ capitalista que vem sendo questionada e abalada em seus alicerces desde o início do século), como também à interdependência existente entre as múltiplas formas de criação literária e os estímulos ou imposições do *contexto sociocultural* em que essa criação surge. (COELHO, 1993, p. 16, grifos da autora)

É no contexto de uma literatura que busca autoafirmação, “vacilante e sob certos ângulos indefinida”, que surge a terceira mulher em Goiás publicando um livro de poesia. Yêda Schmaltz (1948-2003) foi

³ O tema foi abordado pelo professor Quintela na palestra “Do batismo cultural à obtenção da ‘Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos’ por Ermos e Gerais”, pronunciada no *Seminário 100 anos de Bernardo Élis*, ocorrido na UFG, em novembro de 2015.

uma das maiores responsáveis pela fixação da tradição literária de autoria feminina no estado, ao publicar ao longo da vida diversos livros⁴, participar da criação e do Grupo de Escritores Novos (GEN), incentivar a publicação em livro das autoras locais, como Cora Coralina que lançaria seu primeiro livro em 1965, e, sobretudo, problematizar e levantar a bandeira da mulher na sua obra madura. Cora Coralina e Yêda Schmaltz foram as responsáveis por inaugurar duas linhagens da poesia produzida por mulheres nos limites de Goiás, encabeçaram, respectivamente, a tradição memorialística e a do discurso erótico com lastro mitopoético.

Embora a figura lendária e mitológica da escritora tenha inviabilizado a leitura das qualidades estéticas de sua obra, Cora Coralina representou a inserção definitiva de valores modernistas no centro-oeste, o que ocorreu a partir da tematização do passado, através de uma linguagem particular que caracteriza a antiga capital do estado. Yêda Schmaltz se situa em



outra geração, o que justifica a sua adoção de princípios e temáticas distintas das escritoras que lhe precederam. Teve formação superior, em Direito e em Letras Vernáculas, e atuou como professora de Estética e História da Arte, no Instituto de Artes da UFG. A biografia da autora por si já indica inconformismo com os valores androcêntricos e a condição da mulher restrita ao ambiente doméstico.

Esse inconformismo, por sua vez, esteve em todas as obras que Yêda publicou, primeiramente através da

rebeldia em relação à linguagem, conforme percebeu G. M. Teles (1995), posteriormente isso se amplia para o tom irônico e escarnecedor assumido pela voz lírica feminina no interior de seus livros, sobretudo em sua obra madura, que compreende *A alquimia dos nós* (1979), *Baco e Anas brasileiras* (1985) e *A ti, Áthis* (1988).

Os livros de Yêda Schmaltz que antecedem *A alquimia dos nós* situaram-se como exercícios, para a formação de pressupostos estéticos, ideológicos e o estabelecimento da cosmovisão da autora, o que foi apontado por Nelly Novaes Coelho (1993, p. 18, grifos da autora) ao dizer que na poesia yediana inicial está presente “não só a consciência da tarefa criadora que cabe ao ser-poeta neste mundo-em-caos como também a sondagem da palavra poética transformadora em poema”; em síntese, a estudiosa ressalta que essa escrita é caracterizada pela “consciência experimentalista”, numa constante interrogação sobre o “ser-poeta” e do

⁴ Yêda Schmaltz publicou 19 livros, 14 de poesia: *Caminhos de mim* (1964), *Tempo de semear* (1969), *Secreta ária* (1973), *O peixenauta* (1975 e 1983), *A alquimia dos nós* (1979), *Baco e Anas brasileiras* (1985), *A ti, Áthis* (1988), *A forma do coração* (1990), *Prometeu americano* (1996), *Ecos: a joia de Pandora* (1996), *Rayon* (1997), *Vrum* (1999), *Chuva de ouro* (2000), e uma publicação póstuma, *Noiva da água* (2006); além das antologias *Anima mea* (1984) e *Urucum e alfenins* (2002). Também publicou dois livros de contos: *Miserere* (1980) e *Atalanta* (1987), e uma reunião de ensaios, *Os procedimentos da arte* (1983).

“ser-da-poesia”. Essa indagação prossegue, portanto, para o questionamento da própria condição da mulher no momento de crise dos postulados androcêntricos.

Caminhos de mim, de 1964, é o primeiro livro publicado por Yêda Schmaltz (grafado Iêda Schmaltz até então). É seu livro de juventude, como indicia a capa (Ilustração I), com a imagem da autora entre menina e moça, a dedicatória em tom infantil, “para mamãe, vovô, papai e titio”, e os temas constantes no interior da obra, mencionando a infância e a adolescência. Interessante notar que alguns poemas, a exemplo de “Definição” (SCHMALTZ, 1964, p. 19), foram compostos quando a escritora contava com apenas 17 anos de idade.

A capa feita por Tancredo F. Araújo, a partir da foto-gravura de Ulisses Pereira Dias, apresenta a imagem em perfil da poeta, em posição contemplativa diante de um caminho ladeado por árvores, o que convergirá com os temas desenvolvidos no interior da obra, porque a natureza é usada como metáfora para definir os sentimentos da voz lírica; a natureza também figura como espaço de fundo para o percurso de conhecimento afetivo da menina-poeta. Tem-se, na obra, a jovem que se encontra no intercuro infância-vida adulta, vivendo os primeiros contatos passionais.

O título figura como um habilidoso resumo do livro, visto que esses “caminhos” são apresentados numa perspectiva lírica, como o próprio desenvolvimento afetivo do eu lírico. Indica o título, portanto, descobertas e amadurecimento, ao mesmo tempo, afetivo, poético e identitário.

Publicado em setembro de 1964, quando a escritora contava com 22 anos de idade, a obra desenvolve temas que estariam em toda a sua produção em verso, a exemplo

do fazer poético, do prazer desencadeado pelo trabalho com a poesia, o relacionamento amoroso e suas intempéries. Temas que desde já se misturam, pois o envolvimento erótico, na perspectiva adotada pela poeta, confunde-se com a fruição do fazer poético, a exemplo de “Palavras de silêncio”:

inventar um poema tão grande
como o silêncio
dos teus braços
nos meus braços.
(SCHMALTZ, 1964, p. 18)

O livro é aberto com um poema intitulado “Prólogo”, divide-se em três partes, nomeadas “de vento”, “de cor” e “de pedra”, e é fechado com um poema sob o título “Epílogo”. A composição que abre e a composição que fecha a obra são, respectivamente, apresentação do sujeito lírico ao leitor, “eu sou alguém/ andando pelos caminhos” (SCHMALTZ, 1964 p. 13), e balanço do percurso percorrido, no arremate:

eu fui alguém
errando
pelos caminhos

[...]

fiz poemas azuis
e de brinquedo,
mas fui alguém
procurando
o verde.
(SCHMALTZ, 1964 p. 132-133)

As orelhas do livro trazem excertos do ensaio de Gilberto Mendonça Teles, publicado no jornal local O Popular em 16/08/64, exaltando a “inteligência criadora” da jovem poeta, e de sua capacidade lírica, que não se deixa dominar pelo formalismo técnico. Esse lirismo, que trabalha por desvencilhar-se da estreiteza da técnica estéril, será uma constante na obra de Yêda Schmaltz,

desenvolvendo-se como um anseio por certa beleza pura, por espaços e códigos não contaminados pela moral filistina. Figura, desde já, como um sintoma do sentimento de não pertencimento a um mundo moderno assolado pelos exageros desenvolvimentistas. Há em *Caminhos de mim* evidente anseio pela exaltação de aspectos prosaicos, simples e singelos da vida cotidiana.

A exaltação do tempo primitivo, das origens, da ancestralidade, do tempo passado, se torna mais visível a partir de *A alquimia dos nós* (1979), mas em *Caminhos de mim* já se pode notar esse princípio, através, por exemplo, da ausência de maiúsculas em toda a obra, do quintal da avó como espaço típico para os idílios da meninice, da cidade interiorana marcada como território da inocência, que escapa dos sofrimentos típicos da modernidade, e do prosaísmo das composições. A poesia surge, nesse âmbito, do anseio de criação de novos mundos, livres dos exageros e arroubos técnicos, promovendo a valorização das essências e das origens.

O princípio adotado leva a poeta a percorrer um caminho em que se abandona a vida pelo sonho, conforme dito em um poema (SCHMALTZ, 1964, p. 28). A tematização amorosa se apresenta como caminho ideal a embrenhar-se, e surge “o amado feito de delícias/ com um ombro enorme para o meu descanso” (SCHMALTZ, 1964, p. 30), levando a poeta a realizar percurso diferente das heroínas dos contos de fadas, que acordam para o amor, aqui a poeta adormece para viver plenamente o amor. O sonho é metáfora da poesia, e o amor intensifica a fruição nesse sonho.

A capital do estado, Goiânia, surge como espaço de vivência e formação na juventude, deixando a vida interiorana da infância para trás. Mesmo a capital é apresentada sob um viés idílico e

idealizado, não como o espaço conturbado e de agressividade característico da metrópole. O poema “goiânia – convite e roteiro”⁵ (p. 37-43) apresenta uma cidade que mais se assemelha a um bosque, com suas alamedas feitas de rosas e suas borboletas que não respeitam o trânsito, assim, a cidade “a meus olhos de poeta/ é mais sonho que argamassa”. Esse verso final, por sua vez, constitui uma recuperação ao livro de poemas de Jesus Barros Boquady, *Goiânia: sonho e argamassa* (1959), e procura registrar no discurso lírico características marcantes da cidade de Goiânia, como a presença de bosques, praças e alamedas distribuídas pela cidade, bem como, o ideal que motivou o surgimento de uma das mais novas capitais do país, projetada para ser acolhedora e moderna ao mesmo tempo.

O desejo de deitar “no ventre das coisas” para assim reter “o amor dos homens” (SCHMALTZ, 1964, p. 47-48), e de encontrar “a essência vermelha das coisas” (p. 49), metáforas que assinalam anseio de uma existência mais humana e sensível, leva a poeta a construir sua obra com a presença ostensiva não só da natureza, mas também das cantigas de roda da cultura popular, retomadas em várias composições, e que serve de mote e ritmo para “canto de roda”:

as palavras fugiram
para brincar de roda
na tarde.

[...]

⁵ Esse poema saiu publicado primeiramente em *A poesia em Goiás*, de Gilberto Mendonça Teles (1983, p. 415-418), obra cuja primeira edição foi lançada em agosto de 1964, a publicação de *Caminhos de mim* ocorreu em 29 de setembro de 1964. Por isso, Teles indica ser o poema inédito e não inclui o livro da autora entre as produções analisadas, visto que durante a redação de sua crítica, a obra de Yêda ainda estava no prelo.

as palavras fugiram
e agora brincam
lá embaixo:

a iêda é linda,
é linda iêdinha,
entrará na roda,
ficará sozinha.

ficará sozinha.
ficará sozinha.

(SCHMALTZ, 1964, p. 60-61)

O poema reinventa a forma popular da cantiga “Fui no Tororó” que diz: “Oh Mariazinha! Oh Mariazinha!/ Entra nessa roda/ Ou ficará sozinha!”. Na canção popular, esse excerto em tom de ameaça serve para que uma das crianças, na brincadeira de roda, tome voz para cantar que não ficará sozinha, pois uma outra criança do jogo lúdico lhe servirá de par. O tom álcere da forma popular cede, na composição de Yêda, espaço para o tom melancólico da jovem que se viu destituída do ser amado. As palavras, aqui a palavra poética, tomam vida e assumem a função das crianças no jogo de roda, afirmando que a poeta ficará sozinha. A partir desse poema, que integra a primeira parte da obra, instaura-se o tema da separação amorosa e a ameaça de solidão passa a assolar o imaginário do sujeito lírico.

Giorgio Agamben (2009) nota que brincar de roda, nas sociedades arcaicas, era um jogo matrimonial. Ao gravitar em torno desses jogos, a poeta de Caminhos de mim desenvolve a temática erótico-amorosa sob perspectiva primitiva, na qual o jogo lúdico é levado de volta à sua vocação puramente profana. Nele a voz lírica é assolada pela ameaça de solidão, mas a situação passional em que se encontra enredada traz a marca da inocência infantil, da pureza primitiva.

O título dessa primeira parte, “de vento”, está em consonância com a temática

predominante em seu interior, uma vez que, entre as diversas paternidades que se atribui a Eros, uma delas é a de filho de Éfeso, personificação do vento, o que corresponde a uma explicação do caráter de divindade não figurada do deus do amor, por sua incrível capacidade de atingir os seres sem que eles se deem conta imediatamente disso, como ocorre com o próprio vento. Além disso, Eros é uma divindade que, na perspectiva dos gregos, estava vinculado à natureza, à vegetação e à estação primaveril, por ser símbolo de renovação e fecundidade. A primavera, bastante presente em Caminhos de mim, é comumente associada à estação dos amores, o que está presente nas representações da imagem de Eros, coroadado de folhas e próximo a árvores e outros elementos da natureza.

Esse aspecto de Eros ligado ao vento é materializado em um dos poemas finais dessa seção, quando a voz lírica comunica ao ser amado “o teu sorriso/ me rouba de mim” (SCHMALTZ, 1964, p. 78), indicando que o amor subitamente atinge os seres à maneira do que ocorre com o vento.

A passagem das estações é celebrada na poesia lírica desde os primórdios da arte poética, em especial a chegada da primavera, símbolo de alegria e liberdade para a juventude. Johan Huizinga (2012, p. 136) registra, nesse sentido, que à poesia é inerente certo caráter ritualístico, o que explicaria suas extravagâncias, alegrias e seu pendor para o divertimento, próprio do êxtase dos rituais das culturas primitivas, assim “[n]ada contribui mais para fertilizá-la do que a celebração da passagem das estações, especialmente a chegada da primavera, quando os jovens de ambos os sexos se encontram dentro da maior alegria e liberdade”.

Essa alegria e liberdade, além do tom ritualístico, são perspectivas assumidas

nessa obra inaugural da autora que, conforme percebeu Gilberto Mendonça Teles (1995, p. 54), criam uma situação paradoxal nos versos que figuram entre a angústia dolorida e a felicidade. Esse paradoxo, por sua vez, é condizente com o tema central do livro, a relação erótico-passional, misto de dor e alegria.

A segunda parte de Caminhos de mim, “de cor”, tematiza o fazer poético de modo mais ostensivo que na primeira parte. A poesia figura como o aspecto que oferece “coloração” à existência do sujeito poético. A infância é vista como um tempo de cor azul, uma vez que era comum na gíria popular a expressão “tudo azul” para designar que “tudo estava bem”. Os poemas sofrem processo de personificação ao ponto de se apresentarem como aqueles que “riem verde/ olham verde/ falam verde” (SCHMALTZ, 1964, p. 99), indicando, assim, que a poesia é consoladora das mazelas humanas e sinaliza esperança de tempos menos áridos. Os caminhos percorridos pelo eu lírico se tornam de feição “colorida” em decorrência da presença da poesia.

Em “(composição)”, a erotização da escrita poética é uma das sínteses mais habilidosas da perspectiva assumida nessa parte:

às vezes penso
que me sinto triste
e chego a conclusões
douradas
então componho
o meu poema
como quem pinta um quadro
e o expõe interiormente
construo o meu poema
como quem constrói
uma casa:
caio as paredes,
planto flores,
bordo fronhas,
encero o assoalho.
realizo o meu poema

como quem faz um deus
e o cultua igual cristão:
nas agruras, nas tristezas.
construo o meu poema
como quem constrói
um lar.
e me mudo
para ele.
(SCHMALTZ, 1964, p. 89-90)

O fazer poético figura, nos versos acima, como um labor que, ao ser que o executa, a poeta, causa grande prazer desde sua execução até o momento em que passa nele residir. A perspectiva adotada é a de que a poesia é um espaço acolhedor, harmonioso, porque rompe com a tristeza antes mesmo de ocorrer a materialização do verso, uma vez que o estado de poesia que predispõe o eu lírico à escrita é definido como momento de “conclusões douradas”.

A terceira parte da obra, “de pedra”, dedicada ao GEN, não inova na tematização das duas partes anteriores. Encontram-se ali novamente a paixão amorosa, a erotização do fazer poético e da natureza, a infância simples na cidade interiorana. O que essa parte traz de distinto é um tom pesaroso, melancólico e desencantado sobre todas essas questões, a visão adotada é de que o amor, a poesia, a natureza e o passado foram assolados por “pedras”, como símbolo das dificuldades e do desencanto. Foi perdido aquele espaço idílico e colorido do início da obra. Assim, o olhar nostálgico sobre o passado em “canto de sempre” (SCHMALTZ, 1964, p. 106-107) já não traz a exaltação de antes, porque carregado de tristeza.

Os títulos comprovam a mudança do tom, sendo “tédio”, “mágoa”, “cansaço”, “desencanto” e “despeito”, alguns deles. Em meio a esse espaço de desolação, surgem lampejos de esperança como o anseio por encontrar um homem em noite estrelada: “eu sonho homem puro/ mais

puro que a própria/ noção de poesia” (SCHMALTZ, 1964, p. 110). Os poemas finais buscam a superação desse estado melancólico; em “canto para o amigo sem luz” (SCHMALTZ, 1964, p. 129-130), o eu lírico comunica que “olhar estrelas já não basta”, demonstrando que o tempo dos idílios juvenis se dissipou e chegou, enfim, à fase madura.

Os três últimos poemas da obra vislumbram um anúncio de esperança. Assim, “compreensão” (SCHMALTZ, 1964, p. 131), como o próprio título indica, explica que “a mágoa veio/ porque a alegria/ está brilhando/ pra quem precisa”, e “epílogo” (SCHMALTZ, 1964, p. 132-133) percebe que o livro que se fecha foi o processo de “busca de mim”. O poema termina com a união feliz do eu lírico com o ser amado, união que pretende servir para a composição de “homens-poemas/ de mel e esperança”, trazendo novamente a poesia como símbolo auspicioso, possibilidade de sonhar por dias melhores. Tais versos parecem indicar renovação advinda da união amorosa, ao sugerir o nascimento dos filhos do casal (homens-poemas) e, enfim, aponta a possibilidade de modificação do mundo através do discurso poético.

No livro de estreia de Yêda Schmaltz, diversas estratégias de composição dos textos e de organização da obra, que se tornarão notáveis em sua obra madura, já estão ali presentes. As obras em verso da autora, em sua maioria, constituem um eixo narrativo paralelamente à independência dos poemas, a disposição e distribuição deles no interior do livro reforçam esse aspecto. Essa estratégia permite múltiplas percepções da obra e expande o processo comunicativo. Outro fator que merece atenção nesse livro é a releitura da tradição literária.

A poesia de Cecília Meireles é uma das maiores ressonâncias na obra de Yêda

Schmaltz, o que foi percebido por G. M. Teles (1995, p. 56), ao apontar o “bom gosto de leitura e a capacidade de aquisição expressiva” da autora, em recuperações como no poema “Oferenda”, de Caminhos de mim, que sofre uma penetração formal e temática da obra cecilianiana.

Não só a poesia de Cecília Meireles, mas também de Álvares de Azevedo, Olavo Bilac, Manuel Bandeira e Vinícius de Moraes, no concernente à dicção, terminologia, imagens, princípios poéticos e temas norteadores desses autores estarão presentes em toda a obra yediana. Já em Caminhos de mim, composições em forte sintonia com esses poetas indicavam, desde o título, a filiação a tais poéticas, a exemplo de “oração para o namorado” (SCHMALTZ, 1964, p. 50-52), subintitulado “à moda do vinícius [sic]”, também a sequência de poemas nomeados de “solilóquio”, título recorrente nas composições de Vinícius de Moraes.

Poemas intitulados de “canção”, “balada”, “vento” e as referências a jardinagem e rosas são ressonâncias evidentes da poesia de Cecília Meireles. Nas obras publicadas pela autora entre 1979 e 1988 há um hábil refinamento desse diálogo intertextual, e a releitura dos poetas supramencionados avança para a subversão, a incorporação e o diálogo parodístico. O poema supramencionado, entretanto, já oferece indícios dessa capacidade de (re)leitura da tradição:

Oferenda

veio no cheiro do tempo
este tempo molhado
com pingos vermelhos

veio da terra sulcada
na rosa de sangue
que não vai murchar

veio no vento inconsútil

nas asas do sonho
no imo de mim

veio no tempo das flores
dos corpos salgados
de brisa e de mar

veio da pele sulcada
o amor feito rosa
que eu quero te dar
(SCHMALTZ, 1964, p. 73).

A distribuição do poema em tercetos converge com uma escolha frequente na obra de Cecília Meireles. As imagens no poema de Yêda, que trabalham por comunicar a paixão da voz lírica pelo e para o homem amado, convergem com imagens caras à poesia cecilianiana, como a rosa, o mar, o sonho e a terra, sendo a atitude meditativa assumida pelo tom da composição, talvez, o maior legado da poeta de Vaga música. O traço distintivo da poesia de Yêda em relação à de Cecília é a exacerbação da tematização erótica, que nas obras publicadas entre 1979 e 1988 avançam para o fescenino. Em *Caminhos de mim*, como o poema acima demonstra, Eros já se situa possibilitando à voz lírica a descoberta de novas dimensões, realidades e experiências, portanto, abrindo espaço para uma nova existência da mulher.

Tais fatores levaram Nelly Novaes Coelho, conforme registrado anteriormente, a inserir o livro de Yêda Schmaltz entre as produções nacionais de autoria feminina que empreenderam exercício em torno da palavra poética, e trabalharam pela superação da condição social limitada das mulheres. Esse fenômeno situa a terceira escritora a publicar um livro de poesia em Goiás em um lugar de destaque, porque mais do que se inserir na continuidade da tradição do estado, Yêda Schmaltz refunda essa tradição ao impor a voz de uma mulher

que se descobre, através da tematização de assuntos passionais.

Desse modo, *Caminhos de mim* inicia o processo de criação de novos paradigmas para a poesia publicada nos limites de Goiás, situa-se sobretudo como modelo para a nova escrita de autoria feminina. Um número considerável de escritoras surge no estado, após a publicação de Yêda Schmaltz, (re)pensando a condição da mulher na sociedade contemporânea, refletindo sobre o próprio fazer literário e estabelecendo diálogo com a tradição artística e cultural do Ocidente.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. Profanações. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.
- COELHO, Nelly. A literatura feminina no Brasil contemporâneo. São Paulo: Siciliano, 1993.
- DENÓFRIO, Darcy França (org.). Lavra dos goiases III: Leodegária de Jesus. Goiânia: Câne Editorial, 2001.
- HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. Trad. João Paulo Martins. São Paulo: Perspectiva, 2012, 7. ed.
- LÉVY, Ann-Déborah. Eros. In.: BRUNEL, Pierre (org.). Dicionário de mitos literários. Trad. Carlos Sussekund...[et al]. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, 319-324.
- SCHMALTZ, Yêda. *Caminhos de mim*. Goiânia: Escola Técnica Federal de Goiás, 1964.
- TELES, Gilberto M. Estudos goianos I: A poesia em Goiás. 2. ed. Goiânia: Editora da UFG, 1983.
- _____. Estudo goianos II: A crítica e o princípio do prazer. Goiânia: Ed. da UFG, 1995.
- _____. Contramargem II: Estudos de literatura. Goiânia: Editora da UCG, 2009.
- VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio. Uma escrita sustentada pela paixão: a poesia erótica de Yêda Schmaltz. 2014. 364 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

Recebido em 2016-05-15
Publicado em 2017-01-01